

ISSN 0101-3335

LETRAS DE HOJE

Nº 116

JUNHO DE 1999



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Gilberto Muçilo de Medeiros

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho Editorial

para Assuntos Lingüísticos

José Marcelino Poersch, Leonor Sciliar Cabral,

Leci Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,

Léda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hernandezora

Conselho Editorial

para Assuntos Literários

Gilberto Mendonça Telles, Petrona Dominguez de

Rodriguez Pasqués, Regina Zilberman,

Monsenhor Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira,

Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil R\$24,00

Exterior US\$30,00

Número avulso R\$8,00

Formas de pagamento:

Cheque nominal à

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS - BR

E-mail: edipucrs@pucrs.br

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:

PRINT LINE

Impressão:

EPECÊ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras

PUCRS, -n.1 (out. 1967) - Porto

Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.; 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80(05)

Literatura: Periódicos 82/89 (05)

Periódicos: Lingüística (05)80

Periódicos: Literatura (05) 82/89

SUMÁRIO

Letras de Hoje

*Estudos e debates de assuntos
de lingüística, literatura e
língua portuguesa*

PUCRS

SUMÁRIO

Apresentação <i>Marlene Teixeira e Leci Barbisan</i>	05
Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro <i>Jacqueline Authier-Revuz</i>	07
O objeto <i>língua</i> : unidade constituída pela ausência <i>Marlene Teixeira</i>	31
O mesmo e o outro: Saussure e a AD <i>Mônica Nóbrega</i>	65
Para um estudo enunciativo da categoria aspecto nos verbos do Português do Brasil <i>Valdir do Nascimento Flores</i>	91
Constituição da subjetividade: um estudo da negação no discurso do neurótico e do psicótico <i>Margareth Schäffer</i>	127
A adolescência como posição subjetiva: uma abordagem discursiva <i>Francisco Franke Settineri</i>	169
A ironia <i>Marcello de Oliveira Pereira</i>	221
Discurso e gênero: sob o signo da contradição, a identidade e a resistência do sujeito e do sentido <i>Vera Lúcia Pires</i>	243
Semântica argumentativa e a análise da produção de sentido nas organizações <i>Yeda Swirski de Souza</i>	285

APRESENTAÇÃO

Este número de *Letras de Hoje* foi pensado para dar continuidade à reflexão desenvolvida anteriormente em torno da questão do discurso, caracterizada pela interdisciplinariedade e pela abertura à diversidade de pontos de vista teóricos e metodológicos.

Os autores aqui reunidos desenvolvem pesquisas em várias instituições e em diferentes áreas de conhecimento, mas se vinculam de algum modo aos trabalhos em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, especialmente em torno de disciplinas relativas a discurso.

Além disso, uma idéia aproxima os estudos dos integrantes desse grupo: o entendimento de que a Universidade deve ser um espaço desencadeador de diálogos entre diferentes áreas do saber, o que implica a necessidade de pensar a realidade a partir de um conjunto diversificado de conceitos.

O texto que abre esta revista é de autoria da professora Jacqueline Authier-Revuz, da Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle), que nos enviou diversos artigos, dentre os quais selecionamos "Modalisation autonymique et discours autre, quelques remarques", traduzido por Francisco Franke Settineri. Agradecemos a professora Authier-Revuz que nos dá mais uma oportunidade de interlocução com uma das teorias mais férteis atualmente no campo da enunciação e do discurso.

Os artigos de Marlene Teixeira e Mônica Nóbrega pensam o discurso a partir do gesto fundador de Saussure, buscando elementos para mostrar que é na própria língua que a *exterioridade* deixa seu traço.

O texto de Valdir do Nascimento Flores é dedicado ao estudo da categoria verbal aspecto, a partir da problematização da noção de dêixis. Tendo como referencial teórico a proposta enunciativa de Benveniste, a noção de aspecto é vista como indicador de subjetividade na linguagem.

* Ver *Letras de Hoje* n° 107, março de 1997.

O trabalho de Margareth Schäffer mostra como a articulação de processos enunciativos e psicanalíticos podem constituir um referencial teórico para, ao descrever marcas de negação, estudar discursos de neuróticos e de psicóticos.

O texto de Francisco Franke Settineri, por sua vez, caracteriza aspectos da constituição subjetiva da adolescência no momento da escolha profissional. É feita uma abordagem discursiva, entendendo-se que é por meio da linguagem que se pode ter acesso à subjetividade.

O artigo de Marcello de Oliveira Pereira descreve teorias sobre a linguagem, na retórica, na lingüística e na psicanálise, como formas de uso do método estrutural. Aponta dificuldades que existem quando as teorias tentam delimitar os elementos mínimos sobre os quais elas trabalham.

Voltada para o estudo de discursos de gênero, Vera Lúcia Pires orienta-se por uma abordagem teórica que integra a análise do discurso de linha francesa e a teoria dialógica da enunciação de Bakhtin. Seu propósito é o de verificar como o sujeito feminino produz sentidos ao ser representado no discurso publicitário da mídia impressa.

Yeda Swirski de Souza estuda processos de produção de sentido na aprendizagem das e nas organizações: empresas, escolas, hospitais, etc. Parte da relação entre espaços de linguagem abertos no contexto de trabalho e a aprendizagem organizacional, privilegiando a proposta teórica lingüístico-enunciativa de Oswald Ducrot.

Porto Alegre, junho de 1999

MARLENE TEIXEIRA
LECI BORGES BARBISAN

Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro

Jacqueline Authier-Revuz¹

RESUMO: As relações entre o campo da representação do discurso outro (R.D.A.) e a estrutura enunciativa de modalização autonímica (M.A.), desdobramento reflexivo do dizer de um elemento X de uma cadeia, acumulando uso e menção (Cf.: X, se se pode dizer; X, no sentido próprio; X, como se diz; ... "X" ...) são precisadas: a M.A. não faz parte, enquanto tal, do campo da R.D.A., mas um subconjunto de suas formas, explícita ou interpretativamente, dele participam. A relação com o discurso outro que ela realiza é a de um falar "com as palavras" de um exterior discursivo. Diversos critérios, o grau de marcação das palavras do exterior (segundo o duplo fator do assinalamento do elemento X e da especificação da fonte), o tipo de emergência dessas palavras no fio do discurso, no lugar das palavras "do interior" ou acopladas a estes, segundo as duas ordens possíveis, a oposição entre exterior "apropriado" ao objeto do discurso e "associado" ao discurso (no interior da qual é recolocada a forma dita de ilhota textual: *l diz que ... "X" ...*) são considerados como pertinentes na descrição da "fronteira" que um discurso traça, em si mesmo, em relação à exterioridade discursiva.

Configuração enunciativa pertencente ao campo da relexividade linguageira, a modalização autonímica (Authier-Revuz, 1995) apresenta-se como um modo complexo de dizer, desdobrado por uma auto-representação opacificante - i. e., fazendo intervir nessa "imagem do dizer", por meio da auto-

¹Professora na Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle)

nímia, a materialidade dos signos concernentes, significado e significante.

Apoiada na análise da autonomia proposta por J. Rey-Debove (1978), essa categoria é - com deslocamentos, entre outros, na direção de um ponto de vista enunciativo - oriunda diretamente da noção semiótica de conotação autonímica, analisada por esse autor como (3) um acúmulo hierarquizado das duas semióticas, a denotativa remetendo ao mundo (1) e a metalingüística remetendo ao signo por um autônimo (2), como em

- (1) Seria preciso um pouco de caridade em um caso desses.
- (2) "Caridade" é um termo com ressonância cristã.
- (3) Seria preciso um pouco de "caridade", para retomar um termo cristão, em um caso desses.

A título de exemplo, observar-se-á, nesses enunciados conhecidos², essa modalização do dizer dos elementos X (em negrito) pela retomada reflexiva de seu auto-comentário, segmental (de formas muito variadas, em itálico):

- (4) É um serviço de ordem **musculosa** que eles têm, *se vocês vêm o que quero dizer*. [conversação, maio de 1983]
- (5) O "**coquetel jornalístico-literário**" (*passem-me a expressão*) que faz de *Lire* o magazine [...]. [Publicidade de assinatura de *Lire*, março de 1984]
- (6) Quando vejo alguém que faz *sou bem obrigado a dizer* **tolices** como essas [...].
- (7) Foi-se para um **albergue**, *se se pode chamar aquilo de albergue*, enfim, um local. (conversação, outubro de 1985)
- (8) Esse teto para refazer, é uma **telha**, *é o caso de dizê-lo*. [conversação, setembro de 1984]
- (9) Uma só cena **sobrenada** (*se se ousa escrever*): a da piscina. [*Télérama*, Crítica de cinema, 20.11.1985, p. 29]
- (10) A linha política que ele exprime constantemente: uma defesa antes **áspera**, *como se diz no rugby*, dos princípios comunistas [...]. [*Le Monde*, 6.2.1985, p. 8]

² Extraídos de um corpus de 4.000 exemplos recolhidos por Authier-Revuz (1992).

³ *Tulle*, em francês, significa "telha", mas também estão consagrados os sentidos de catástrofe, incômodo ou empresa malsucedida. Nota do tradutor.

- (11) Ela tinha um costume, *minha filha diria* /**superclassudo**. [conversação, junho de 1982]

ou reduzido a um elemento supra-segmental (aspas, itálico, entonação):

- (12) Os antígenos que correspondem à "**placa mineralógica**" do sistema imunológico de cada indivíduo. [*Science et Vie*, n° 762, p. 51]
- (13) A dama que está diante de mim é uma "**peessoa**". Não somente uma personalidade. [F. Nespo, entrevista com S. Signoret, *F. Magazine*, agosto de 1979, p. 20]
- (14) Como fotógrafo, exploro outros limites formais, pouco hábil muitas vezes em me desfazer dos "**clichês**" do ambiente. [D. Roche, setembro de 1985, apresentação da coleção *Fiction et Cie*]
- (15) Eis o "**continente negro**" dos homens, que equivale, em mistério, ao que Freud tenta explorar nas mulheres. [*Le nouveau F*, março de 1983, p. 59]

O que todos esses enunciados têm em comum é que, em um ponto de seu desenrolar, o dizer se representa como não sendo evidente "por si mesmo"; o signo, em lugar de neles preencher, transparente, no apagamento de si, sua função mediadora, interpõe-se como real, presença, corpo - objeto encontrado no trajeto do dizer e se impondo a ele como objeto deste -; a enunciação desse signo, ao invés de "simplesmente" se cumprir, no esquecimento que acompanha as evidências inquestionadas, se duplica com um comentário sobre si mesma.

Analisável como manifestação de uma dimensão de auto-recepção, inerente à enunciação, as retomadas meta-enunciativas respondem, no próprio dizer, de um modo auto-dialógico, ao encontro que neles se faz de algo que "altera" a simplicidade, o "evidente": o percurso sistemático do meta-dizer opacificante dos enunciadorees - ou seja, "respostas" que eles efetuam, àquilo que encontram de "outro", de heterogêneo, em seu dizer - levou-me a balizar o campo do que chamei de não-coincidências do dizer (Authier-Revuz, 1992, 1995). O ponto que aqui me importa, quanto à relação entre modalização autonímica e "discurso outro", é insistir no fato de que encontrar "alteridade" - "não-coincidência" - em seu dizer não é em

absoluto sinônimo de nele encontrar o dizer de um outro ou um dizer outro.

Por certo, nos enunciados acima, nos exemplos (10), (11), (15), a retomada reflexiva que a enunciação descreve sobre os elementos *áspero*, *superclassudo* ou *continente negro* atesta, explicitamente nos dois primeiros, interpretativamente no último, que o enunciador reconhece em suas palavras – isto é, nas palavras que emprega – uma fonte estranha, o discurso do *rugby*, as maneiras de falar de uma pessoa próxima mais jovem e o *corpus* freudiano, inscrevendo bem esses casos de modalização autonímica no campo da “não-coincidência do discurso consigo mesmo”, onde este não faz um – monologicamente – consigo próprio, por ser, e se reconhecer como atravessado por discursos outros.

Mas, o jogo interdiscursivo não é senão *uma* das dimensões sobre as quais pode se aprofundar, na enunciação, o afastamento de uma não-coincidência; é disso que testemunham amplamente, em sua diversidade, os reflexos meta-enunciativos da modalização autonímica: o dizer se abre – e se duplica – igualmente sobre o afastamento da não-coincidência *interlocutiva* (que entra em cena em (4) e (5)), onde se joga com a não-identidade dos dois co-enunciadores, sobre o da não-coincidência *entre as palavras e as coisas*, entre o sistema finito da língua e a infinidade do real a nomear (inscrevendo na nomeação a questão de sua adequação, à qual respondem de maneiras diversas (6), (7), (12) e (13), por exemplo), sobre aquele, enfim, da não-coincidência *das palavras consigo mesmas*, abrindo para o coração das palavras o jogo – polissemia, homonímia, aproximações, etc. ...: “a língua” de Lacan – da equivocidade, ao qual respondem (8), (9) e (14)³.

Assim, a análise das retomadas meta-enunciativas conduz claramente a não subscrever a freqüentes formulações que encerrem a modalização – conotação – autonímica, ou apenas a aspas (em função modalizadora) no campo do discurso outro ou do “discurso relatado”.

Assim ocorre, por exemplo, com a caracterização, por J. Rey-Debove (1978, p. 226), da conotação autonímica como des-

³ Sobre essas categorias de não-coincidência e o princípio de classificação dos enunciados, cf. Authier-Revuz (1995).

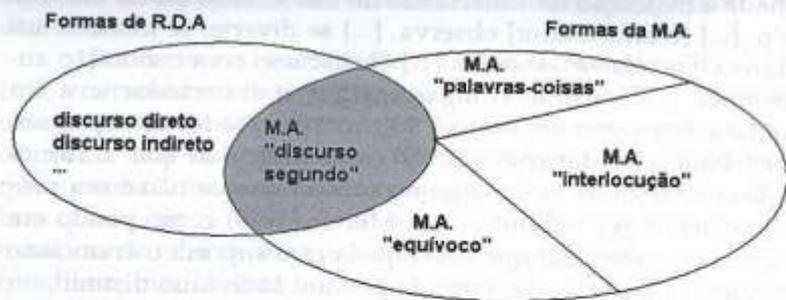
tinada à marcação da “alteridade de um idioleto ou de um dialeto. [...] [o enunciador] observa, [...] se diverte, se mofa, se indigna com *palavras do outro*. [...] O discurso com conotação autonímica [...] constitui o lugar em que o enunciador leva em conta a *linguagem dos outros*” (do mesmo modo, as aspas são concebidas por Marjenova (1970) como indício de que “o sujeito se desolidariza de um código ou subcódigo que não é seu próprio código” (eu sublinho), em Milner (1978) como pondo em jogo “*uma outra ‘voz’* que não aquela que suporta o enunciado em curso”, outra voz suportada por um indivíduo distinto, ou então aquele mesmo que enuncia, mas “em outros momentos e em outros lugares” (eu sublinho).

Não é como “o lugar em que o enunciador leva em consideração a *linguagem dos outros*” que aparece a modalização autonímica, mas como aquele em que ele leva em conta “o outro” que atravessa sua linguagem, “outro” – tomado em um sentido muito geral – no qual se acha, *entre outras*, a “*linguagem dos outros*”.

Isso equivale a dizer que a modalização autonímica não pertence, como tal, ao campo da representação do discurso outro, ou, se quisermos, não é uma “forma de discurso relatado”, como o são o discurso direto, o indireto ou a modalização do dizer como discurso segundo (do tipo *segundo, para, de acordo com fulano*).

Ela constitui uma configuração enunciativa mais geral, de auto-representação do dizer, *suscetível* de remeter explícita (em um subconjunto de suas formas) ou interpretativamente (no caso de sinais tipográficos, aspas, itálico) ao campo do discurso outro que emerge no dizer.

Pode-se esquematizar, na figura seguinte, a relação – que é a de uma intersecção e não de uma inclusão – das formas da modalização autonímica (M.A.) e as que pertencem ao campo da representação do discurso outro (R.D.A.).



Para além das formas estereotipadas – *como diz..., o que se chama..., etc. ...* –, o inventário das formas que constituem essa interseção da M.A. com o domínio da R.D.A. faz aparecer um certo número de estruturas sintático-semânticas suscetíveis de serem saturadas lexicalmente de forma livre, mesmo que a forte dominância de certos lexemas afete algumas dessas estruturas com uma tendência ao congelamento. Assim, esquematicamente⁴, adotando a notação X para o elemento (de extensão variável) portador da modalização autonímica e Ext para a exterioridade discursiva colocada em cena pelo discurso (um locutor, um texto, um registro de língua, uma língua, ... diferentes daqueles do discurso que está se fazendo), pode-se propor o seguinte inventário:

- em um primeiro conjunto (1), a não-pertença de um elemento ao discurso em que aparece é expressa de forma implícita e unívoca: um certo número de formas (1.1) descrevem uma operação discursiva de empréstimo, de cópia, de imitação, colocando em jogo explicitamente os dois discursos, o exterior (Ext) e o discurso que está se fazendo “como sendo” o primeiro. São (não se limitando ao plano lexical, como já foi dito) os:

- X, peço emprestado, retomo essas palavras de Ext
- X, emprego esse termo, de acordo com, segundo, no sentido de Ext
- X, para retomar, citar, pedir emprestado, plagiar, adotar, guardar, conservar, respeitar as palavras de Ext
- X, se é preciso se ater às palavras de Ext
- X, para falar como Ext
- X, como diz, chama, o nomeia, o qualifica Ext
- X, segundo os termos (de) Ext
- X, para ser, se fazer de Ext (= simples, pedante, esnobe, grosseiro, atilado)
- X, para falar de maneira Ext (= da maneira militar, técnica, familiarmente, vulgarmente)

(Ext corresponde, conforme os ambientes sintáticos, a sintagmas nominais, adjetivos, advérbios ou locuções adverbiais).

O outro grupo de formas (1.2) assinala somente a presença do dizer “exterior” (a fonte exterior aparecendo majoritariamente em função de sujeito de um verbo de dizer), sem verbalização da operação de empréstimo efetuada pelo enunciador – o dizer exterior tomando o lugar de uma palavra “do interior”, faltante, ou se justapondo (em estruturas de acoplamento X-Y) à palavra do interior.

- O Ext diz...
- Como Ext diz isso? X...
- X Ext *dixit*...
- Esse N que Ext chama, nomeia, designa, batiza X
- X, palavra de Ext
- X, no sentido de Ext, que lhe dá Ext
- ... dito, pretendido, chamado X
- X – Ext diz Y
- X, que Ext chama, nomeia, designa, batiza Y
- X - em Ext Y – [Ext = em inglês, em termos eruditos]
- “x” (Ext) [Ext = nome próprio]
- O famoso, célebre, sempiterno “x”
- O “x” de Ext, seu “x”
- X, *sic*

No segundo conjunto (2), na ausência de toda verbalização unívoca, é de um modo interpretativo que (2.1) formas

⁴ Para o detalhe da análise, cf. Authier-Revuz (1992), partes III e IV do capítulo 2; e, sob uma forma bem resumida, Authier-Revuz (1995), capítulos 3 e 6.

pertencentes univocamente à M.A. serão remetidas a uma exterioridade discursiva, antes que a outro tipo de não-coincidência

"X" [interpretado como *como Ext diz*]

"X" (!) [interpretado como *sic*]

"X" (?) [interpretado como *pretense*]

e que (2.2) algumas formas serão interpretadas inicialmente como M.A., remetendo a um discurso outro em seguida: ocorre isso com estruturas de acoplagem X-Y, interpretáveis como manifestando a justaposição de dois territórios discursivos, interior-exterior:

X, ou seja, Y

X, ou Y

X, Y: X-Y; X(Y)

e de elementos interpretáveis como sinais de estereotipias:

X, etc...

X ... (reticências)

X₁-X₂-X₃ (hífen colocado entre as palavras estigmatizando o caráter estereotipado da seqüência X, X, X₃)

Por essência não-inventariáveis, como dependendo de uma configuração discursiva e não da presença de uma forma lingüística como os elementos destacados acima, os fatos envolvendo global ou parcialmente – segundo as modalidades que requeriam desenvolvimentos incompatíveis com a extensão deste artigo – a M.A. não-marcada, como as alusões, a enunciação de provérbios, retomada em eco de dialogia, ironia, discurso indireto livre, não são consignados neste quadro.

Tendo situado esse subconjunto de formas de M.A. no interior do campo da R.D.A., convém especificar diferencialmente os caracteres no interior desse campo.

A estrutura operatória desse campo complexo, que depende ao mesmo tempo da língua – e de suas formas identificáveis – e da discursividade – com suas configurações interpretáveis – não pode se operar em função da trilogia dos discursos direto-indireto-indireto livre (doravante D.D., D.I. e D.I.L.), tomada como uma grade "básica" a partir da qual a extrema complexidade dos observáveis leva a multiplicar os casos ditos "mistos", ou "híbridos"... É pelo jogo de oposições que sejam pertinentes por si mesmas, independentemente do domínio específico do discurso outro, que me parece possível estruturar esse campo.

É, de início, a oposição – e a articulação – entre dois planos da enunciação: o de suas não-coincidências *constitutivas*, nas quais ela se produz e que, como própria condição de sua produção, lhe são irrepresentáveis, e o da imagem que ela desenha disso em si própria, por suas não-coincidências *representadas*, emergência, passada pelo filtro do imaginário do enunciador, das primeiras (cf. Authier-Revuz, 1995 e, para um esboço, 1982 e 1984). No campo da não-coincidência do discurso consigo próprio, a afirmação, apoiada nas teorias do dialogismo de Bakhtin e do interdiscurso de Pêcheux, do caráter fundamental e permanente da presença de um já-dito, no "meio" em que se dá o dizer, desloca, produtivamente, a apreensão das formas da R.D.A. observáveis em um discurso. Por um lado, para um discurso dado, o levar em conta (pelos métodos da análise do discurso, "imerso" um discurso no *corpus* de uma "memória discursiva" proposta hipoteticamente) o trabalho do já-dito, que está em ação de forma subterrânea, relativiza e desloca a função que se pode atribuir, no discurso, àquilo que nele aparece (o representado) como uma *mise en scène* da relação entre si mesmo e o outro: assim, todo discurso "monológico" não aparecerá jamais em um tal quadro senão como um discurso de *mise en scène* de si próprio como UM, ou seja, como implicando um recalque da alteridade discursiva fundamental que o atravessa.

Por outro lado, essa oposição-articulação de um plano a outro permite considerar a relação, no caso das formas não-marcadas, entre o que depende de um modo de representação, implícita mas intencional (a alusão, por exemplo, no campo da M.A.), e o que corresponde à simples - mas eventualmente pesada - presença não-intencional (a reminiscência, a estereotipia não controlada) da exterioridade discursiva.

A seguir, o jogo combinado de três oposições (cf. Authier-Revuz, 1992-1993) que estruturam o campo da R.D.A.:

*1. O discurso outro é, no enunciado M em que é representado,

A. o objeto da asserção (ou interrogação ou injunção): *discurso relatado em sentido estrito*,
versus

B. aquilo pelo qual passa uma *modalização* de M como *discurso segundo*: M.D.S.

*2. A representação, em M, pelo fato do discurso outro

- situa-se apenas no plano do conteúdo, através das palavras de que se faz uso,
- faz intervir o plano da expressão, através das palavras das quais se faz menção, por via da "autonímia".

O cruzamento dessas duas oposições, liberando quatro estruturas de base de R.D.A., pode ser resumido no quadro seguinte (no qual x designa Ext), em que se acha sublinhada a configuração que nos ocupa (Bb), da modalização autonímica como discurso segundo.

A/B	DR	MDS
a/b	A	B
a sem autonímia	X disse que compreendia	segundo x Vai de acordo com x, fazer bom tempo X dicit ...
b com autonímia	X disse: "Por certo que eu passarei".	como diria x Ela "pirou" para falar como x

Em relação às configurações A, em que se fala do dizer outro, fala-se, nas duas configurações B, segundo, sob a influência de, com um dizer outro, e, no caso que nos ocupa, Bb, fala-se, localmente, com as palavras de um outro dizer. E, se é para toda emergência de R.D.A. em um discurso que a colocação em relação com o fato da memória discursiva em que se produz é pertinente, é, sem dúvida, esta forma - assinalando que, localmente, fala-se com palavras vindas de outro lugar, de antes - que aparece mais estreitamente em relação com a concepção bakhtiniana do já-dito ressoando necessariamente em cada uma de nossas palavras, que, por isso, inevitavelmente são "de empréstimo".

*3. Um terceiro parâmetro pertinente, inscrito na articulação sistema de língua/funcionamento do discurso, opõe formas marcadas/interpretativas de R.D.A., de um modo que, entre dois pólos, tais como para a configuração Ab, o do discurso direto plenamente explícito, como:

(16a)Ele chega e diz: "Estou morto!".

e o do discurso direto livre, totalmente interpretativo:

(16b)Ele chega. Estou morto!

oferece uma gradação de formas intermediárias, apresentando - por associação de elementos léxico-semânticos, sintáticos, tipográficos ou entonativos³ - graus diversos de marcação (/interpretação) da R.D.A., como, entre outros:

³ Para um estudo pormenorizado, remeto a um trabalho a ser publicado de A. Colin.

- (17) Ele chega e, sentando-se: "Estou morto!".
 Ele chega: "Estou morto!".
 Ele chega e se queixa. Estou morto!
 Ele chega: estou morto!

Em relação a esse parâmetro, a configuração Bb, da modalização autonímica como discurso segundo, apresenta um leque extremamente rico de realizações, entre a balizagem máxima de um

(18) ... "X", para retomar o termo de Ext (precisamente especificado) e a incerteza interpretava da alusão (cf. abaixo), passando pelas simples aspas, das quais se viu (cf. (15)), que marcando univocamente uma M.A., dependiam da interpretação (1) de atribuir esta M.A. ao campo do discurso segundo, e (2) de levantar hipóteses quanto a Ext fonte ou de reconhecê-lo.

Relativamente à presença constitutiva da exterioridade discursiva em um discurso, o conjunto das formas de R.D.A. que ele apresenta – e singularmente, como se disse, o das formas de empréstimo da M.A. – desenha, no discurso, nele localizando os pontos de presença do outro, uma *fronteira* cujo traçado, entre o exterior e o interior, merece ser seguido atentamente.

Um grande número de parâmetros surgem como pertinentes no enfoque dessas fronteiras, ou seja, imagens, fornecidas pelos discursos, da presença neles mesmos de exteriores discursivos; indicaremos aqui – esquematicamente – apenas alguns⁶.

⁶ Para um tratamento detalhado, cf. Authier-Revuz (1995), pp. 269-505.

Fronteira balizada ou incerta

Evocamos acima a oposição marcado/interpretativo e seu modo de funcionamento, não binário, mas, como outras formas de R.D.A., segundo uma gradação complexa entre dois pólos. É conveniente, para a M.A. de empréstimo, distinguir dois elementos de marcação do empréstimo, o de (a) *referência do fragmento X* exterior na linearidade do dizer, e o de (b) *identificação do exterior fonte*. Desse modo, podem-se comparar as quatro realizações seguintes do mesmo empréstimo:

- (19)
1. A mulher representa facilmente para o gozo como vindo "por acréscimo", para retomar a formulação de Lacan sobre a cura. [X referido, Ext identificado]
 2. [...] facilmente o gozo como vindo por acréscimo, para tomar emprestada a formulação de Lacan. [X não-referido, Ext identificado]
 3. [...] facilmente o gozo como vindo "por acréscimo". [X referido, Ext não-identificado]
 4. [...] facilmente o gozo como vindo por acréscimo. [X não-referido, Ext não-identificado]

Porém, além dessa combinatória de dois elementos na base de oposições binárias marcado/não-marcado, são *graus* que se observam, relativamente à parte respectiva de marcação/interpretação, para cada um dos elementos (a) e (b).

A título de exemplo, notar-se-á a diferença, nesses quatro enunciados, todos comportando um comentário que explicita a presença de um empréstimo, quanto à referência (a) do fragmento X portador da M.A.:

- (20) A menos que se possa provar que a mãe é "desmerecedora", segundo a expressão consagrada. [*Libération*, 12.3.1987, p. 3]
- (21) [...] o valor da proposição. Utilizei proposição por sua conta, não por minha conta. [Seminário de lingüística, abril de 1983]
- (22) Na Prússia, o conhecimento do francês era a primeira qualidade do futuro diplomata. [...] Aparentemente, não se via então nenhum inconveniente a que documentos oficiais fossem redigidos na língua do inimigo potencial, como hoje se diria. [M. Robert, *Le puits de Babel*, p. 48]

(23) Há riscos também na realidade, no momento em que o analista casado – para falar como Barbey d’Aureville dessa vez – tiver perdido o prestígio que lhe valia sua função. [O. Mannoni, *L’amour de transfert*, p. 12]

Nos dois primeiros, a referência unívoca está assegurada pelas aspas (20) ou pela retomada autônômica (21); no seguinte (22), em contrapartida, apenas a margem direita do fragmento está marcada pelo lugar do comentário em fim de enunciado (como hoje se diria), mas o corte do sintagma em questão – inimigo potencial antes do que em potencial ou língua do inimigo potencial, etc... – só pode ser operado na base, discursiva, de um (re)conhecimento do estereótipo; e numerosos testes efetuados junto a leitores diversos fizeram surgir neles, pelo enunciado (23) que, univocamente, marca um fato de empréstimo, a maior perplexidade, não apenas para referir exatamente, mas até mesmo para localizar à esquerda (o analista casado) ou à direita (perder o prestígio que lhe valia sua função) o fragmento X referido, à parte os casos de ativação, por meio de uma memória discursiva compartilhada, do mecanismo propriamente discursivo de reconhecimento, sob a dissimulação que ele traz aqui, do título da novela de Barbey d’Aureville, “*Le prêtre marié*”.

Notar-se-á, do mesmo modo, para o elemento (b) de identificação da fonte exterior, que entre a ausência de toda indicação, como em (27), e a localização unívoca em um ponto de interdiscurso (marcado por um jogo de coordenadas de espaço, de tempo, de nomes próprios), como em (24), é uma gradação não-inventariável que se observa, de onde são extraídos (25) – onde e quando Cannon enunciou essa fórmula? – quem é “o outro”?-.

(24) Três gêneros acham-se aqui misturados: a biografia (com narração “heterodiegética”), [...] e a autobiografia (com narração “autodiegética”) [nota 1: Tomo emprestados esses termos de G. Genette, *Figures III*, ed. du Seuil, 1972, p. 251, 253 [...]. [P. Lejeune, *Je est un autre*, p. 60]

(25) Há a boa fadiga [...]. Ela é sabedoria do corpo – a expressão é do fisiologista norte-americano W. B. Cannon. [Le Point, 23.2.1985, p. 83]

(26) É verdade, *La femme sous l’horizon* não é um festival de risos. Vê-se nela emigrados russos cultivarem [...] um passado de fogo, de violência, de álcool, de desolação, de amores devastados. E daí? Não é assim que as pessoas vivem, como dizia o outro? [B. Poirrot-Delpech, *Le Monde*, 29.4.1988, p. 19]

(27) É a perfeição visada por certas sabedorias. Mas, o “belo dia de hoje” traz dilaceramentos, e “de son coup d’aile ivre”, nos abandona a outros destinos. (J. Durandeaux, *Poétique analytique*, p. 112).

Além disso, na ausência de qualquer marca lingüística de tipo (a) ou (b), abre-se o espaço, puramente interpretativo, em que, da alusão (intencional para o enunciador, reconhecida ou não pelo receptor) à reminiscência (não-intencional para o enunciador, percebida como tal ou não pelo receptor) passa-se, de maneira não discreta, da exterioridade representada pelo enunciador de um modo não marcado, à exterioridade constitutiva – “sofrida” pelo enunciador.

Dois mecanismos interpretativos são suscetíveis de estar em jogo; por um lado, um juízo de *identidade* (estrita, ou relativa, os graus possíveis de alteração conduzindo, ainda aqui, a um *continuum*, e ao indecível) carregado pelo receptor, entre um segmento de cadeia e um segmento presente em sua memória discursiva: o receptor reconhece o traço de *um outro específico* no fio de um discurso. Assim, esse pode ser o caso, por distorções de ordem diversa, do título de Marivaux em (28), o verso famoso de Lamartine em (29), A Marselhesa em (30), o poema de Baudelaire em (31), o título de um ensaio publicado anteriormente e dedicado ao autor em (32), seis sílabas do *Cimetière marin* de Valéry em (33)⁷. Por outro lado, a percepção, no interior do enunciado, de uma estranheza, de uma *alteridade*, o sen-

⁷ *Avoir un coup dans l’aile* (literalmente, ter um golpe na asa) é uma expressão idiomática que significa estar em má posição, perder sua força, assim como estar bêbado. O autor parece estar citando um outro que fez um uso livre desta expressão. Nota do tradutor.

⁷ (28) “Le Jeu de l’Amour et du Hasard”; (29) “Un seul être vous manque et tout est depeuplé”; (30) “Qu’un sang impur abreuve nos sillons”; (31) “La nature est un temple où de vivants piliers / Laissent parfois sortir de confuses paroles”; (32) “Les fils de Freud sont fatigués” de C. Clément, dedicado a J. Rousseau-Dujardin; (33) “Ce toit tranquille [...] Entre les pins palpite, entre les tombes.”.

timento de que “falta algo para a interpretação”; com intensidade muito desigual de um enunciado a outro, a ruptura de homogeneidade deflagrada pela intrusão do exterior é assim, em locutores que não disponham da memória discursiva que lhes permita fazer jogar o primeiro mecanismo de reconhecimento, com muita frequência percebida vivamente nos enunciados (30), (31), (32), como sendo “o outro” não identificado, sendo que, ao contrário, em (28), (29), (33) o empréstimo, se não for reconhecido (mecanismo 1), tende a passar despercebido.

- (28) Piscares de olhos, delicadezas, meiguices, [...] Diálogo escrito cuidadosamente, mas marcado por uma fantasia um tanto preparada. Réplicas às vezes ditas com uma presteza maquinal. Entrecortada de bajulações, um exercício volúvel. O jogo do amor e dos faladores. [Crítica do filme *Nuit d'été en ville, Le canard enchaîné*, 22.8.1990, p. 6]
- (29) Um povo que perde sua ortografia perde sua memória e sua inteligência. Uma só letra falta e tudo fica revirado. [Ph. De Villiers, *Le Figaro*, 29.11.1988]
- (30) [...] O número de crimes e suicídios degringola sob as bombas. O ódio sai de nós, atravessa a fronteira e se abate sobre o inimigo cujo sangue impuro vai cobrir nossos campos uma vez mais. [*Cosmopolitan*, outubro de 1985, p. 180]
- (31) Toda uma geração [...] foi morta, porque ela não reencontrava no mundo [...] o traço da fraternidade, igualdade, etc... – outros começam a duvidar de que a natureza seja um templo e que nesse templo pilares, que seriam vivos, deixariam, em tais circunstâncias, para os iniciados, palavras confusas mas precisas quanto ao sentido divulgado. [D. Oster, *Dans l'intervalle*, [texto fictício datado de 1886, respondendo a um artigo publicado em “Le symboliste”], p. 83]
- (32) [...] dou graças à psicanálise como sendo uma das únicas ações pontuais possíveis. Nesse sentido e como sou filha de Freud, não me sinto cansada. [J. Rousseau-Dujardin, *Couché par écrit*, p. 167]
- (33) Um quase octogenário massacra seu finado pai [pai espiritual: Jean Paulhan] e se administra uma correção. [...] Pam no papai, mas entre os pans palpita um sofrimento, por trás do ressentimento um sentimento de fracasso. [J. Clémentin, *Le canard enchaîné*, 17.2.1988, p. 7 (Resenha de um livro de Etienneble)]

Voltemos ao traçado de fronteira que constitui a representação, pela M.A., da presença das palavras do outro em um discurso: da marcação lingüística máxima do empréstimo ao estatuto puramente interpretativo das alusões, e, finalmente, ao grau zero de “empréstimo”, constituído pelo fato de que cada uma das palavras que utilizamos “vem” a nosso discurso carregada de um exterior discursivo, o grau de marcação, que percorre uma escala de extrema fineza, é um dos traços que permitem caracterizar o tipo de relação com o exterior discursivo manifestado por um discurso.

E são configurações extremamente diferentes de relação ao exterior discursivo – um outro, outros; ... – que esse elemento, do modo de marcação, faz aparecer na diversidade dos discursos – orais ou escritos, espontâneos ou trabalhados, literários, científicos, políticos, etc. Assim, por exemplo, no quadro de um gênero específico, o da escrita teórica, e relativamente a um mesmo exterior discursivo – o discurso laciano – maciçamente presente, a questão da marcação observada em um conjunto de textos³ faz aparecerem posicionamentos discursivos bem diversos em relação a esse já-dito: cartografia precisa, por meio de um grau forte de marcação (a+b), em um texto universitário (A. Juranville, *Lacan et la philosophie*), separando com cuidado o objeto do dizer (o discurso laciano) desse próprio dizer; superabundância de marcação fraca, em um ensaio sobre a vestimenta (E. Lemoine-Luccioni, *La Robe*), escrito em um quadro teórico laciano e onde, de modo revelador, os empréstimos mais contingentes a muitos outros exteriores tendem a ser mais marcados; ausência total de marcação para uma obra (J. C. Milner, *Les Noms indistincts*) que, citando outros exteriores, convém explicitamente, em posfácio, que a “referência aos Escritos e aos seminários de Jacques Lacan deveria ser constante (eu sublinho), confirmando que o exterior mais intimamente “constitutivo” possui a tendência de ser o menos marcado.

³ cf. Authier-Revuz (1995), pp. 293 e seguintes.

Substituição ou acoplagem: Ext, Ext - Int, Int - Ext

Quaisquer que sejam os graus de marcação do elemento X exterior no interior do discurso, a "relação fronteira" instaurada nesse ponto de "contato" pode assumir diversas formas: a (a) do elemento X substituindo, na cadeia, um elemento interior ausente, como é o caso (além de (10), (11), (15), (19) a (25)) em:

- (34) Mas a Resistência se reconfortou. Suas três grandes formações [...] têm cada uma delas bases agora suficientes para não haver mais a "desordem das coragens" de que falou Malraux. [Le Monde, 7.5.1987, p. 15]
- (35) E mesmo se, para muitos jovens, de 13 ou de 16 anos "postos no juiz" (é sua a expressão) "o advogado é inimigo como os outros" [...]. [Libération, 16.12.1985, p. 21]
- (36) O frango de galinheiro [...] reencontrará o sabor de seus ancestrais, que o "progresso" de nossas pesquisas agro-alimentares tinha impregnado com um gosto de peixe. [Le Monde, Cartas dos leitores, 15.4.1986, p. 2]

ou a (b) do acoplamento, na cadeia, de ambos os elementos, interior e exterior, segundo as duas ordens possíveis, a (b1) centrípeta Ext-Int, conduzindo ao interior do discurso uma nomeação feita inicialmente com as palavras do exterior, como em:

- (37) É o caso dos orliers do Valon des Buffes, rodeados de orles (espinafre selvagem), como a maioria das cabanas alpestres. [R. Canac, Vivre ici en Oisans, 1985, p. 49]
- (38) Haverá um /vínculo fixo, traduzam por um túnel, entre a França e a Inglaterra. [A2, Informations, 20.1.1986]
- (39) Os ataques aéreos das primeiras horas [...] consistiram em "tratar", o que quer dizer "destruir", além dos centros de comando, as pistas [...]. [Le Monde, 22.1.1991, p. 4]

e a (b2) centrífuga Int-Ext, que acrescenta à denominação do interior aquela, heterogênea, do exterior:

- (40) Em menos de quinze dias, é o segundo movimento de resistência passiva, um *stay away*, como se chama, que é observado pela maioria dos dois milhões de habitantes desse gueto gigantesco. [La protestation noire en Afrique du Sud, Le Monde, 7.5.1987, p. 5]

- (41) [...] uma co-produção internacional ("coprode", para os íntimos), sem a qual esse excelente cineasta viajante não podia trabalhar. [Libération, 21.11.1983, p. 31]
- (42) [...] abrir o processo de um dos únicos regimes do mundo em que a tortura dos opositores políticos (perdão, os "traidores") e o castigo coletivo de sua família têm força de lei. [Libération, 10.09.1990, p. 46]

Combinado a outros parâmetros - como, por exemplo, a natureza da diferença entre as duas denominações, a de uma outra "caracterização" (de idade, de região, de meio, etc., cf. (35), (37), (38), (40), (41)) para uma apreensão do real quase equivalente, ou, mais radicalmente, a de um outro "ponto de vista" sobre o real (cf. (36), (39), (42)), ou ainda a relação de acordo, de neutralidade (cf. (34), (37), (40)) ou de oposição (da ironia ao verdadeiro desacordo, cf. (41), (38), (36), (39), (42)) que entra em cena pelo contato entre dois discursos - o modo pelo qual um discurso circula pelo registro dessas três possibilidades de emergência de "suas palavras exteriores" na cadeia surge como um dos elementos pertinentes de seu funcionamento: vulgarização científica, textos polêmicos, relatos de viagens são, entre outros, "gêneros" no interior dos quais o critério do tipo de inserção do elemento outro - léxico erudito, termos contestados, denominações estrangeiras - desenha retóricas diversas da relação com o outro.

Comparar-se-á, por exemplo, em dois textos⁹ que têm em comum uma finalidade didática concernente à Idade Média, ambos abrindo um lugar importante às palavras "de seu objeto", ou seja, nesse caso, dessa época outra da qual eles falam, as estratégias opostas que eles apresentam, correspondendo a objetivos diferentes: enquanto que, no manual escolar, predomina maciçamente o trajeto Int-Ext, assegurando pedagogicamente a passagem às palavras outras e desconhecidas, a partir de uma informação prévia fornecida em palavras do interior, ou seja, em palavras de hoje supostamente conhecidas pelos alunos, como em:

⁹ *Moyen-âge*, turma de quarto ano, coleção Isaac, Hachette, 1958, e *La vie quotidienne au temps de Saint Louis*, E. Faral, Hachette, 1938.

(43) No século XIII, os banqueiros - eram chamados de *cambistas* - eram [...].

[...] a extensão dos grandes domínios, ou *villas* [...].

O camponês ou *posseiro* fica com sua terra pelo resto da vida.

é pelo trajeto inverso *Ext-Int* que o segundo, visando, para o grande público, a uma informação pela reconstituição pitoresca - como se vocês lá estivessem - da vida quotidiana medieval, introduz de saída seu leitor nas palavras do tempo, antes de fazê-las seguir-se, como em retirada, de sua necessária tradução - espécie de glossário que acompanha, com um segundo alcance, a linha melódica principal em que ressoam as palavras "de antes", como em:

(44) E, quando chega a hora do jantar, depois da nona (depois das três horas) [...].

O mais bonito dândi reaparece [...]. Ei-lo [...] um topete sobre a frente "à dorenlot" (de casca grossa), [...].

Eis o desfile dos artigos, na desordem em que grita o vendedor: cintos, [...] alfinetes de prata e de archal (latão).

Ilustrando o terceiro modo, *Ext apenas*, *opor-se-á* - longe dos fins didáticos dos dois textos precedentes, que os fazem recorrer ao acoplamento *Int-Ext* - a pesquisa, no relato de Barbey d'Aurevilly, *L'ensorcelée*, de um *exílio* no plano das palavras, pela presença maciça de palavras "de outros lugares" deixadas à sua estranheza (sem o recurso às palavras familiares do interior), parte integrante do exílio radical - regionalismo e fantástico intimamente misturados - próprio de sua evocação da Normandia, assim:

(45) Tendo-a deitado sobre seu leito de enfermo, ela lavou toda noite, ao lume de sua *lamparina*, as feridas horríveis dessa cabeça [...]. [...] o que lhe havia contado aquela *passadeira* de Nônon Coucouan se insinuava nela [...]. Mas sua atividade e suas ocupações ordinárias a tiraram *de devant elle*, como se diz, e lhe serviram de

* O termo normando utilizado foi "grasset". Nota do tradutor.

salutares distrações, [...] ela tinha tido um *xilique* no qual ele a deu por morta.

Discurso exterior apropriado ou associado

Contrariamente aos dois critérios evocados acima, em relação aos quais toda forma de M.A. de empréstimo pode ser especificada no interior do enunciado em que ela figura, a oposição apropriado/associado depende de duas relações *discursivas* diferentes entre um discurso e um exterior discursivo do qual ele representa, em si, a emergência: seja a de um discurso outro que impõe sua presença enquanto *apropriado ao objeto* do discurso que se está fazendo, que "encontra", se se quiser, "em" seu objeto, ao falar dele - pessoa, livro, região, ocupação, etc. - as palavras "desse" objeto; seja a de um discurso outro que *se associa* ao discurso que está se fazendo, impondo-se a ele pelo jogo de forças e de associações que atravessam o campo interdiscursivo global em que se produz o discurso. Assim, serão opostos esses dois esquemas de emergência das palavras do outro em

- (46) a Jean está evidentemente paquerando ela, para falar como ele.
b Jean está evidentemente galanteando-a, como teria dito minha avó.

No plano dos enunciados, comparar-se-á os citados acima, (10) ou (22), por exemplo - em que a emergência da língua esportiva ou da língua política contemporânea pode ser atribuída a sua pregnância no interdiscurso para o discurso que está se fazendo, dependendo da configuração do exterior associado, enquanto que em (35) ou (37), por exemplo, é o objeto do discurso - os jovens delinquentes, Oisans - que condiciona a emergência das palavras próprias a esse objeto.

No plano dos discursos, em meio aos textos evocados acima, a relação com o exterior discursivo predominante é a do discurso outro *apropriado* ao objeto, nas duas obras consagradas à Idade Média e o romance "normando" de Barbey; nas três

obras que manifestam uma forte presença das "palavras de Lacan", estas aparecem em uma (tese sobre Lacan) como palavras apropriadas ao objeto do dizer, enquanto que, nos dois ensaios, é como traços de um discurso *associado* sobre o qual se apóia o dizer que está sendo feito.

Essa oposição, discurso outro apropriado/associado, permite, em relação com a questão do *número* de exteriores discursivos diferentes convocados, e em ligação com as propriedades evocadas acima - grau de marcação, substituição ou acoplamento, acordo ou oposição, diferença de variedade ou de ponto de vista, ... - fazer surgir "cartografias" diversificadas de relação interior-exterior, singulares ou dependendo de regularidades de gênero.

Não está em questão aqui entrar na descrição dos principais tipos - formas gramaticais, figuras retórico-argumentativas, configurações discursivas - segundo as quais se realiza o jogo apropriado/associado. Não farei mais que observar³⁰ que é no quadro dessa oposição, discurso outro apropriado/associado, que convém, no meu entender, tratar, como um caso particular de emergência de palavras de algures (o fragmento "X") *apropriadas ao objeto do discurso* (aquilo de que ele fala, isto é, o dizer de l, objeto do D.I. que constitui o enunciado), as formas do tipo

- (47) l diz que ... "X" ...
(48) O novo secretário do PCF assegurou que o resultado global promissor de seu partido traduzia um "reinício" dos comunistas, após a estagnação dos anos anteriores. [Libération, 21.3.1994]
(49) Ele lhe confessou, de resto, não ter mais experimentado o mesmo relaxamento depois dos incêndios seguintes, "de modo que ele ficara saudoso". [A. Gide, Souvenirs de la Cour d'Assise]

O fragmento entre aspas não é ali um "fragmento de D.D.", como freqüentemente se diz, tomando em conta para isso a dimensão de autonomia que se dá em "X", mas passa além disso à diferença, essencial ao plano semiótico e enunciativo, entre autonomia (ou menção pura, com manutenção de um sistema de referências enunciativo diferente daquele do enun-

³⁰ Para um tratamento pormenorizado da noção de ilhota textual, cf. Authier-Revuz (1996).

ciado que o inclui) e modalização autonímica (ou *uso com menção*, e conversão, como no D.I., dos elementos enunciativos no sistema de referências do enunciado que o inclui): são formas explícitas de M.A. de empréstimo, como "segundo suas próprias palavras, para retomar suas palavras, ..." que correspondem ao valor das aspas sobre X. Nisso, as formas (47), (48), (49) apresentam uma ocorrência de M.A. de empréstimo do tipo "apropriado ao objeto", do mesmo modo que (46a), ou:

- (50) Ela escolheu a impetuosidade, a cólera, um estilo voluntariamente torturado, "acelerado", para citar um de seus termos favoritos, [...]. [Elle, 26.9.1983, p. 58, crítica de livro]
(51) Strindberg é um misógino raivoso, que ataca os "ginólatras", como ele diz, por todos os lugares onde os possa encontrar (M. Robert, *Le Puits de Babel*).
(52) Todas as manhãs, Scipion Ange Marie Escargassas procedia assim à sua toalete, pois ele procurava muito ser "charmoso para as damas" - das quais ele acreditava, com muita boa fé, ser a coqueluche. [A Cohen, *Mangeclous*]

A única especificidade dos enunciados do tipo (47), com ou sem comentário explicitando o valor das aspas, em relação àqueles em que está em questão uma pessoa (como (50), (51), (52)), uma região, uma ocupação, etc., e em que aparece uma M.A. de empréstimo de palavras dessa pessoa, região, ocupação, etc., é que isso de que se fala - o objeto do dizer - é de saída um discurso outro, e que o encontro, em um tal objeto, de "palavras" que lhe são próprias e que vão se impor ao discurso que está sendo feito, será particularmente freqüente.

Assim, um enunciado como (47) não constitui de maneira alguma uma forma de R.D.A. "híbrida" ou "mista", misturando - ao alterar o funcionamento específico, e oposto, de cada uma delas - as duas formas de R.D.A. do D.D. e do D.D.I. (Aa/Ab)³¹, mas uma estrutura *complexa* combinando, no quadro de um enunciado, duas formas *autônomas* e *compatíveis*, uma própria à R.D.A. - o D.I. -, predicação sobre o conteúdo de um

³¹ O que corresponderia, por exemplo, para (49), a

(49') Ele, lhe confessou [...] "de modo que eu, fiquei saudoso".

Para a análise de diversos modos de "telescopiação" das duas fórmulas ou de báscula de uma para outra, cf. Authier-Revuz (1996).

dizer outro, a outra a M.A., modalidade desdobrada do dizer, da qual um dos valores, explicitado ou a interpretar, é o de uma modalidade de empréstimo, a primeira dessas formas, o D.I., servindo, nos enunciados do tipo (47), de contexto interpretativo forte (não unívoco, cf. nota 9) para a segunda, compreendida como empréstimo às palavras do próprio discurso que é o objeto do D.I.

(Tradução de Francisco Franke Settineri)

Bibliografia

- AUTHIER-REVUZ, J. (1992), *Les non-coïncidences du dire et leur représentation méta-énonciative*. Tese de Doutorado de Estado, Universidade de Paris VIII, 1992, 1500p.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1992-1993), *Repères dans le champ du discours rapporté* (I), (II), in , n° 55, outubro de 1992, pp. 38-42 e n° 56, janeiro de 1993, pp. 10-15.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1995), *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*, Paris: Larousse, 1995, 2 vol., 839p.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1996), *Remarques sur la catégorie de l'îlot textuel*, in , n° 3, junho de 1996, pp. 91-115.
- MAYENOVA, M. R. (1970), *Expressions guillemetées – Contribution à la sémantique du texte poétique*, in, Greimas, A. J. et al. eds., Paris: Mouton, La Hague, 1970, pp. 645-657.
- MILNER, J. C. (1978), *De la syntaxe à l'interprétation*, Paris: Seuil, 1978.
- REY-DEBOVE, J. (1978), *Le métalangage*, Paris: Le Robert, 1978.